



CORPOREIDADE & COTIDIANIDADE – TECENDO POSSIBILIDADES

Regiane de Souza Costa¹

Resumo: Este trabalho tem como propósito dialogar olhares iniciais sobre a Corporeidade na formação docente e a(s) Corporeidade(s) construída(s) sócio-culturalmente no/pelo cotidiano dos alunos do 7º e 8º ano do Ensino Fundamental da Rede Estadual – RJ. As inquietações oriundas das observações das aulas de Educação Física foram conjugadas com as discussões e leituras sobre a Corporeidade, possibilitando tessituras desvendadas através da desafiadora proposta de olhar, sentir, interpretar e agir as manifestações corporais. Salienta a necessidade de uma práxis que encaminhe intervenções às lacunas historicamente construídas sobre o corpo, em prol de uma Educação Física que admita a multiplicidade de ocorrências corporais.

I – Introdução

O presente artigo refere-se às questões salientadas na disciplina “Corporeidades e Processos Escolares”, da Pós-Graduação em Educação Física Escolar, do Instituto de Educação Física da Universidade Federal Fluminense, constituindo-se como trabalho final do primeiro semestre de 2010.

Iniciou-se a partir das reflexões introdutórias sobre a temática, orientadas pela mediadora da disciplina e pelos colegas de turma, permeou inquietações e, neste trabalho, traz consigo a tentativa de tecer encaminhamentos e comentários sobre a desafiadora proposta de olhar, sentir, interpretar e agir a corporeidade. Para tanto, num primeiro momento, fez-se necessário reconhecer que o olhar corporal é marcado de senso comum, pairando acima dos paradigmas ideológicos, construídos, principalmente, na sobressalência dominante. Nesse contexto e diante dos desafios configurados no/pelo cotidiano escolar surge a necessidade de atribuir olhares às ocorrências corporais, conjugadas na conjuntura política, econômica e cultural, que caracterizam o ‘manifestar-se’ dos estudantes da educação básica. A esse ‘manifestar-se’ a Educação Física atribui a sua práxis, visando encontrar e/ou reafirmar o seu objeto de estudo, utilizando-se, atualmente, de perspectivas críticas para justificar a sua existência no seio da escola, bem como da sociedade. Tratando-se, neste estudo, da corporeidade, e tomando como preceito abordagens críticos-sociais, a preocupação incide na constituição das vias formativas da corporeidade, salientando a necessidade de reconhecimento do corpo num contexto objetivado para a estética padronizada e exibicionista, para um social excludente e manipulador, para atender

¹ Mestranda em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola – PPGEA/UFRuralRJ; Pós-Graduanda em Educação Física Escolar do Instituto de Educação Física – UFF; Licenciada em Educação Física – UFRuralRJ; Professora da Rede Estadual do Rio de Janeiro e da Rede Municipal de Macaé; regi111@hotmail.com



aos deveres, para ser prisioneiro do tempo e das potencialidades econômicas, e produtivo para o trabalho. Entre as ocorrências dispostas e entrelaçadas no cotidiano sócio-histórico coexistem corpos moldados por uma lógica que os tornam cada vez mais corpos-objetos, destituídos de uma percepção subjetiva, reflexiva e cultural. Um dos questionamentos apresentados é como desvelar e/ou combater os mecanismos de reprodução dos modelos estéticos colocados por uma ordem mercadológica que causa a cegueira? O corpo também fala sobre isso! O QUE FIZERAM COM NOSSO CORPO? Como sugere Freitas (1999, p.12) “a necessidade de reaprender-se a ver, rever-se a realidade oculta por trás das aparências que se ofereciam ao olhar” torna-se imprescindível à condição docente, para que o professor ao repensar o seu corpo possa abrir-se às possibilidades corporais dos alunos.

Nos tópicos a seguir deste artigo serão tratados dois momentos importantes que emergiram com as discussões trazidas à tona pelos espaços construtivos das aulas no curso de especialização e com as incansáveis observações das aulas de Educação Física Escolar, das quais participei como docente. Cabe ressaltar que tais momentos não se isolam em si mesmo, tampouco se referem a recortes específicos de um caso estudado, vão além, numa conjugação enviesada, entrelaçada e interdependente. São eles: *O início, um inventário e muitos questionamentos* e *Um cotidiano em efervescência*.

II – O início, um inventário e muitos questionamentos

Este tópico faz referência ao Inventário intitulado *Algumas Considerações sobre o Meu Corpo* (COSTA, 2010), atividade solicitada pela disciplina “Corporeidades e Processos Escolares”, que colaborou para o início de um processo reflexivo sobre uma corporeidade vivida, mas adormecida sobre um senso comum que difundiu a normalidade das ações e comportamentos, sem que haja inflexões para os acontecimentos na realidade. O mais interessante é que mesmo adormecida a corporeidade se faz indelével na memória. Basta buscar as referências passadas, os seus expoentes constitutivos, desde os mais emblemáticos até o despercebido ou esquecido até então. O conjunto de ações/reações faz parte de cada pessoa; é a história, a cultura, a origem. Eis a necessidade de se repensar e relembrar a própria vida. E isso não pode cair no esquecimento. Talvez este seja um dos motivos que leve os indivíduos a não perceber a sua corporeidade. Um inventário, uma árvore genealógica, uma volta ao passado, memórias e memórias que precisam ser suscitadas. No entanto, esse recurso não se consolida na prática formativa, nas instituições de ensino, e cada vez mais os estudantes são despedidos dessa roupagem. Com alguns professores, de gerações anteriores não foi diferente. Demarca-se, portanto, aqui a positividade do exercício com o inventário e as revelações que dele surgiram, fundamentais para uma perspectiva dialética e plural no trato com o conhecimento.

O Inventário teve como objetivo elucidar as marcas, os sinais e as falas, que, juntos, integram um conjunto de símbolos que expressam a corporeidade. Seguem abaixo algumas considerações introdutórias:

Procurei organizar este material remetendo-me a lembranças antigas com o objetivo de buscar um pouco sobre mim em períodos que não me recordo tão bem e segui caminhando por lembranças mais recentes até chegar aos processos



de reflexão, que me conduziram e conduzem à corporeidade que acredito ser. Nesse sentido, preferi elencar algumas fases da minha vida e caracterizá-las de modo a arriscar os sinais até então reconhecidos por mim. Não se trata de uma linha do tempo com fases isoladas, mas de uma configuração que ao invadir uma fase se remete às anteriores intimamente, numa relação de interdependência e de um constante vai e vêm no que tange aos processos reflexivos. E finalizo apontando algumas características mencionadas pelas pessoas ao meu redor, sobre as quais ainda reflito para saber o que realmente sou, o que pertence a mim, ou se são evidências de uma possível impressão sem um conhecimento mais aprofundado (COSTA, 2010, p. 2).

A corporeidade ressignificada no Inventário mencionado contou com vários ‘personagens’, ou melhor, com características que engendram papéis sociais diversos como, no caso, filha, amiga, irmã, colega de brincadeira de rua, prima, integrante de equipe desportiva, namorada, estudante, integrante de organizações estudantis, pesquisadora, professora, entre outros secundários. Tais papéis foram colaborando para a constante formação da corporeidade, que segue sendo assistida por rupturas e reconstruções de normas e comportamentos familiares e socialmente definidos e propagados, numa caminhada que conforte os anseios, as expectativas e incômodos. O corpo compreende as suas temporalidades, significados, relações, imprevisibilidades e sensibilidades, fundindo-se na corporeidade a partir dos seus “marcadores identitários” (VEIGA NETO in GARCIA, 2002).

Não é tarefa fácil comprometer-se com o resgate ao passado e tecer interpretações no presente. A prematuridade do ontem se faz desenvolvida no hoje, observada sob óticas do senso crítico. Por isso, a importância de iniciar-se em análises questionadoras do adestramento disponível e gratuito nos dias atuais, da normatização do pensamento e de opiniões, principalmente quando o assunto é o corpo. Iniciar-se-ão momentos de ‘loucura’, de buscas, de respostas, de novos arranjos. Para Gallo (2008) os indivíduos estão imersos numa lógica da “Ditadura do mesmo”, do não pensar diferente, de evitar enfrentamentos em prol do bom senso, ou, melhor dizendo, do senso comum. De forma contundente, desapropriando o ser de si mesmo. Há clareza quanto ao elemento cultural formador dos sujeitos na sociedade, todavia, outro componente tão importante quanto, o subjetivo, o particular, o singular, o peculiar, deve também traduzi-los.

Outra questão que se insere no contexto de percepção e reconhecimento da corporeidade é o delineamento de si através do olhar do outro, daqueles que mapeiam as relações sociais num determinado ambiente. Os ‘outros’ fazem o sujeito e vice-versa. Parafraseando Gallo (2009) tem-se:

O eu e o outro são as condições de possibilidade de múltiplos mundos que se confundem, se entrelaçam, se atravessam, sem nunca se reduzirem ao mesmo, sem jamais chegar a um denominador comum. Já não há imagem do outro possível, pois sua resistência à apreensão faz com que tudo se borre. Ficamos, assim, com uma não-imagem do outro, na medida em que o outro não pode ser reduzido a um conceito, mas é pura afirmação, pura possibilidade” (GALLO, 2009, p.18)



Nesse sentido, o ‘outro’ se fez presente no Inventário, corroborando para que fosse reinventada a corporeidade a partir do seu olhar, que vê o sujeito, que com ele se relaciona, que o permite enxergar-se. É apresentada a relação entre a visualidade observada e interpretada pelos ‘outros’ e a internalidade, o eu, o particular. A corporeidade, que não admite dicotomias, apropria-se do biológico, do social e do cultural; constrói-se na individualidade e na sociabilidade; simboliza a totalidade contextual e recria-se na sua particularidade.

III – Um cotidiano em efervescência

Este tópico surgiu a partir das observações cotidianas das aulas de Educação Física Escolar da Rede Estadual do Rio de Janeiro, que encaminharam o seguinte questionamento – *será que o corpo, de fato, é sentido, é percebido?* Essa pergunta foi revisitada em 2 turmas, de 7º e 8º ano do Ensino Fundamental. Levantaram-se processos reflexivos a partir de observações, vivências escolares e discussões na pós-graduação, objetivando, por sua vez, iniciar um processo reflexivo-perceptivo com os estudantes das turmas mencionadas sobre a corporeidade. Sendo assim, a proposta de intervenção nas turmas visou aprofundar os estudos sobre a corporeidade, promovendo diálogos e tecendo redes entre os aportes teóricos, a prática pedagógica e o cotidiano escolar. Partiu-se das vivências construídas nas aulas de Educação Física Escolar, salientando o conjunto de elementos e símbolos corporais-sociais trazidos pelos estudantes a partir de seus processos sócio-culturais de *incorporação*.

Percebeu-se que nas turmas observadas havia uma predominância de pré-conceitos corporais, com enfoque nos padrões estéticos, que por sua vez, definiam as qualidades físicas para a prática de determinadas atividades. Os estudantes, na maioria, possuíam uma percepção corporal ao comparar-se com os modelos determinados como perfeitos para o cenário mercadológico, esportivista e capitalista dos meios de consumo. Dessa forma, os “gordinhos”, os “baixinhos”, os “magricelos”, os “inábeis”, os “desajeitados” (BOATO, 2010), entre outros, eram excluídos pelos colegas e até por eles mesmos, acreditando na ocorrência de padrões para o desenvolvimento das práticas corporais. Darido (1999) apud Boato (2010) afirma que estes procedimentos não são resultados somente da falta de competência de um ou outro professor, mas, sim, é consequência de um contexto histórico-social porque passou a Educação Física no Brasil e no mundo, admitindo concepções pedagógicas pautadas na Eugenia, no Militarismo, no Competitivismo, na Esportivização e na Performance das habilidades motoras.

Coube a professora o exercício inicial de resgatar a diversidade, os sinais demarcados em cada corpo, recheado de história, potencializar as particularidades, respeitando as diferenças, que singularizam cada indivíduo.

A função docente de ampliar as discussões sobre o corpo deve ser recorrente no ambiente escolar, no Projeto Político Pedagógico que sustenta a escola, nas políticas públicas, na formação dos docentes que encamparão a ideia de uma educação crítica, plural, emancipatória e igualitária.

De acordo com Bell Hooks (2001) apud Araújo (2007, p.7), “nós professores e professoras, entramos numa sala de aula como se apenas a mente estivesse presente, como



se fôssemos, todas e todos, espíritos descorporificados”. Na sua pesquisa de mestrado, intitulada *Faces do corpo na condição docente: um estudo exploratório*², Araújo (2007, p.7) evidenciou as seguintes falas:

Nunca parei para pensar. Não uso o meu corpo para aparecer na sala de aula.
(Prof^a Aurélia)

Nem lembro dele (o corpo). (Prof^a Leila)

Quase nem percebo meu corpo. Dentro da sala a atenção está voltada ao máximo para os alunos. (Prof^o Júlio)

A autora procurou conhecer as possibilidades de entendimento sobre a corporeidade, já que o corpo na docência se faz mais do que nunca como um local de interações e socializações, campo de comunicabilidade e sociabilidade. Ela buscou identificar o que os/as docentes consideram como exigências e atributos corporais requeridos de seus corpos no desempenho de seu trabalho.

Fazendo um paralelo com a autora pode-se pensar na Educação Física, que teve o seu o corpo em evidência ao longo das tendências pelas quais foi caracterizada, dispondo-se como um elemento fundante das relações sociais e do trato com o conhecimento. Isso é caracterizado principalmente quando era atribuído ao professor o personagem de que sabe jogar e realizar todas as atividades corporais que compunham o currículo da disciplina. A Educação Física reconstruída após a década de 1980, com a crise epistemológica que originou ‘novas’ possibilidades na sua práxis tem o foco corporal (performático) distanciando, mas através do corpo são vivenciadas e reformuladas as manifestações da cultura corporal. Logo, se faz emergente a conscientização desse corpo como meio propagador de relações sociais e manifestações culturais nas construções e reconstruções do conhecimento com os alunos.

IV – Uma intervenção

A proposta de intervenção apoiou-se na Abordagem Qualitativa de Pesquisa Educacional, tendo como seus componentes elementos da pesquisa participante, observação dos processos escolares, narrativas dos estudantes envolvidos, mediados pela relação reflexão-intervenção-reflexão.

As observações nas aulas de Educação Física no 7º e 8º ano do Ensino Fundamental permitiram o levantamento de inquietações a respeito da corporeidade. Tais sinalizações cotidianas foram contextualizadas e iniciaram um processo reflexivo na tentativa de conhecer as demandas corporais dos estudantes, e, concomitantemente, possibilitar contrapropostas, visando resgatar o reconhecimento e a percepção do corpo. As atividades

² Pesquisa de Mestrado, sob orientação da Professora Doutora Inês Assunção de Castro Teixeira, na Universidade Federal de Minas Gerais, defendida em 2004. A coleta de dados foi entre 2002 e 2003 com professores do 3º Ciclo do Ensino Fundamental em oito escolas da Rede Municipal de Ensino Fundamental de Ipatinga – MG.



mediadas giraram em torno de um conjunto de expressões corporais a ser reinterpretado e reconstruído pela cultura corporal dos estudantes. Os temas geradores foram contextualizados por filmes, desenhos, grupos musicais e cantores, profissões e danças folclóricas. Os estudantes se dividiram em grupos, por afinidade, e escolheram, a partir das suas vivências, um elemento de cada tema para representar, via expressão corporal individual-coletiva. Após cada rodada de apresentação era iniciado um processo de discussão, salientando o que foi mais difícil de construir/expressar e os encaminhamentos político, econômico, cultural e social que a temática, quando possível, permitisse abordar.

A dificuldade emergente foi em expressar corporalmente o elemento escolhido, uma vez que a fala não era permitida. A relação individual-coletiva trouxe 2 desdobramentos: o reconhecimento de si próprio através dos gestos do outro e a organização coletiva como alternativa de interpretação corporal. Com as discussões foi possível apontar a necessidade de perceber o corpo como veículo de comunicação, de falar sobre esse corpo e de possibilitar a multiplicidade de experiências como contraproposta à disciplinação, à padronização e à dicotomização corpo/mente.

IV – Algumas Considerações

Este trabalho apresenta algumas considerações sobre a vivência e as reflexões acerca da corporeidade até o presente momento, não esgotando-se aqui, pelo contrário, apenas sistematizando as experiências introdutórias com as possibilidades multifacetadas sobre o tema. Iniciou-se com a disciplina “Corporeidade e Processos Escolares” e encontrou um campo fértil no cotidiano escolar, onde novas contribuições brotarão, num incansável exercício de abrir-se à corporeidade e seus processos formativos. Logo, experiências serão alimentadas por idas e vindas, mergulhos e flutuações na tentativa de compor com cada vivência a multiplicidade de ocorrências corporais, na trajetória pessoal e docente.

A viagem na biografia e obra de Deleuze, bem como nos autores referenciados edificou as possibilidades do imaginário, que nesta análise veio à tona, num processo de reflexão ainda prematuro, mas nascido. Esse ‘novo’ olhar ajudará a descortinar, a revelar e permitir que o corpo fale e não se silencie em prol de uma ordem perversa e desigual.

A docência não pode mais contribuir para as enormes lacunas sobre o corpo, para a compartimentalização do saber, para ausência de discussões. Estes imperativos na Educação Brasileira precisam ser reformulados pela pluralidade de pensamentos visando à constituição de um projeto coletivo ideológico, que reconheça, na trama da história, a igualdade, a inclusão, a diversidade e a criticidade.

V – Referências

ARAÚJO, Marlene de. **O Corpo na condição docente: exigências e atributos.** In: 30ª Reunião - 30 anos de ANPED: Pesquisa e compromisso social, 2007, Caxambu. 30ª Reunião - 30 anos de ANPED: Pesquisa e compromisso social- GT-08, 2007. Disponível



em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT08-3731--Int.pdf>>. Acesso em junho de 2010.

BOATO, M. E. **A Educação Física Escolar frente aos desafios da educação inclusiva.** In: CHICON, J. F. & RODRIGUES, C.M. Educação Física e os desafios da inclusão. Vitória, ES: EDUFES, 2010, pp. 104-138.

COSTA, Regiane de S. **Inventário – Algumas Considerações sobre o Meu Corpo** (Corporeidade e Processos Escolares, Pós-Graduação em Educação Física Escolar). 6 p. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2010.

DAOLIO, Jocimar. **Da Cultura do Corpo.** Campinas: Papirus, 1995.

FREITAS, Giovanina Gomes de. **O Esquema Corporal, a Imagem Corporal, a Consciência Corporal e a Corporeidade.** 2ªed. Ijuí: Unijuí, 2004.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação.** 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008. v. 1. 100 p.

GALLO, Silvio. **Imagens do outro na filosofia.** In: V Seminário Internacional As Redes de Conhecimentos e as Tecnologias, 2009, RJ. As Redes de Conhecimentos e as Tecnologias – os outros como legítimo OUTRO. RJ: PROPED-UERJ, 2009, v.1, p.1-19.

GONÇALVES, Maria Augusta Salim. **Sentir, Pensar, Agir: Corporeidade e Educação.** 2ª Ed. Campinas: Papirus, 1994.

KOFES, Suely. **E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou, o discurso desse corpo sobre o qual se fala.** In: BRUHNS, Heloísa Turini (org.). Conversando sobre o corpo. Campinas: Papirus, 1985, p. 45-49.

NAJMANOVICH, Denise. **Pensar/Viver a corporalidade para além do dualismo.** In: Garcia, Regina Leite. (org.). O Corpo que fala dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.89-109.

VEIGA-NETO, Alfredo. **As idades do corpo (material)idades, (divers)idades, (corporal)idades, (ident)idades...** In: GARCIA, Regina Leite (Org.) O corpo que fala dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: DP & A, 2002. p. 35-64.

VIANNA, A. & CASTILHO, J. **Percebendo o corpo.** In: GARCIA, R. L. (org.). O Corpo que fala dentro e fora da escola. RJ: DP & A, 2002, p. 17-34.

Dados da Autora:



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

Endereço: Rua São Pedro Apóstolo, 114. Ponta Negra, Maricá, Rio de Janeiro. CEP:
24900-000.

E-mail: regi111@hotmail.com

Uso de data-show para a apresentação do trabalho.